

Na Soleira, os Sapatos

Maria Dolores

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

As batalhas de cada um

Levei meu filho caçula para um campeonato de handball. O diretor da escolinha de esportes me perguntou se eu poderia levá-lo. Categoria até oito anos, interescolas. O local do campeonato — um colégio católico em frente a uma Igreja e uma feira — ficava em uma parte de São Paulo que eu desconhecia. Uma dessas regiões ainda ocupadas por antigas construções fabris, de tijolos à vista, chaminés e silêncio onde antes houve intensa atividade.

Deixei o pequeno com a equipe e arrumei um lugar na arquibancada. Não sabia que meu filho jogava bem handball. Nós sempre o deixávamos e buscávamos na aula, que não era do tipo que os pais e mães ficam para assistir. Lá, as crianças passavam por diversas modalidades, aprendendo um pouco sobre cada uma para ver se tinham afinidade por um esporte específico ou apenas para movimentar o corpo e se distrair.

Fiquei surpresa ao ver que ele conhecia as regras, sabia se posicionar na quadra, passar a bola, marcar o oponente, fazer gols. “Que filho é esse que eu não conheço?”, pensei. Estou com ele todos os dias, levo, busco, brinco, cuido. E não fazia a menor ideia de que ele soubesse jogar de verdade qualquer coisa. Eu estava assim, entre orgulhosa e alarmada quando uma

mulher se sentou ao meu lado. O filho dela estava no outro time. Me apresentei, trocamos algumas palavras e, então, ela começou a chorar.

Um choro quieto, denso, com lágrimas tímidas acompanhando a fala. A vida estava difícil. Havia se separado há um mês. Antes morava perto da escola, dava para ir e voltar a pé. Mas o marido, ou melhor, o ex-marido ficara com o apartamento e ela e o filho precisaram se mudar. Agora passavam boa parte do tempo no trânsito, correndo de lá para cá. Não estava sendo fácil, ela disse, e me pareceu estar referindo-se à separação e não ao tempo no carro ou à distância.

O juiz apitou o fim da última partida. Eu e a mulher nos levantamos, nos despedimos e fomos ter com nossos filhos, assistir à premiação. O time do meu pequeno foi campeão e ele, o artilheiro. As pessoas davam os parabéns a ele e a mim, justo a mãe-que-não-sabia-ter-um-filho-bom-de-jogo. Eu agradecia, assustada com o quanto desconhecemos uns aos outros. Se não sabemos o necessário sobre aqueles com quem mais convivemos, quanto menos sobre quem mal conhecemos. Cruzamos com as pessoas todos os dias sem imaginar o que estão enfrentando. Os dramas, as dificuldades. Enxergamos a superfície de um rosto sem ter a menor noção do que há por trás. Senti o coração apertar. Pelo meu filho, pela mulher, por mim. Pela solidão do desconhecido, pelas duras e silenciosas batalhas de cada um.

Descontrole

Mandei um emoji de uma fatia de pão de forma desmaiada para o diretor de marketing de uma multinacional, patrocinadora de um dos nossos projetos. Para a coordenadora da escola dos meninos, um emoji de boneca em formato de cupcake que, na verdade, parece um monstro de um desenho de terror. Para minha amiga de escola (ainda bem) enviei uma figurinha que até agora não consegui identificar, algo entre um amontoado de pedras, um bolo ou um cocô de cachorro. Não sei o que anda acontecendo com meu dedo, mas perdi completamente o controle. Não consigo acertar as teclas do celular.

Eu aperto a letra A e, antes de ter tempo de digitar a segunda letra, lá se vai um emoji estranho, às vezes dois. A preferência são as fatias de pão de forma e panquecas em todas as caracterizações possíveis (e impossíveis). Desmaiada, dançando, vestida de festa, de fantasia, dormindo, rindo, chorando. Ao ver o absurdo corro para “Apagar mensagem para todos”. Mas, algumas vezes o interlocutor do lado de lá está não sei por que online em tempo integral e vê o emoji antes que eu consiga apagá-lo. Daí vem a série “desculpe, mandei errado”, “apertei sem ver”, “não sei o que está acontecendo com meu celular”. Embora as desculpas tenham sido aceitas até o momento, me

preocupa qual imagem a pessoa fará de mim. “A tia do zap que não sabe controlar o dedo” ou “a estranha que tem na lista de favoritos emojis esquisitos”.

O pior é que o descontrole não é só com meu dedo indicador. Aliás, eu digito com o indicador, SIM. Vou morrer sem conseguir digitar com os polegares, tal qual seria a forma correta segundo me informaram os consultores de plantão. Resumindo: minha orelha também deu para ter vontade própria no aplicativo de conversa. Estou tranquila, ouvindo uma mensagem de áudio e começa o “Tum, tum, tum”. Então vem o: “Oi? Maria? Oi?”. Nas primeiras vezes eu respondi: “Oi”, sem entender como aquela pessoa tinha caído de paraquedas no meu áudio. Mas foi só conversar um pouco mais para descobrir que minha orelha havia clicado sei lá onde e feito uma chamada de vídeo. Se isso tivesse acontecido uma vez ou duas, tudo bem, seria até engraçado. Mas tem se tornado recorrente, dificultando os meus dias.

Agora, quando preciso ouvir um áudio fico sem saber se escuto no meio do mercado em volume máximo e compartilho minha conversa com os presentes ou se tento colocar o aparelho próximo ao ouvido, mas não tão próximo, à fim de evitar chamadas indesejadas efetuadas pela orelha desinibida. A mesma coisa com os emoji. Já tentei excluir, tentei bloquear, tentei manter apenas a carinha feliz que pode servir para qualquer coisa. Mas nada parece surtir efeito. Envio “Prezado, segue o relatório solicitado” e, na sequência, a fatia de pão. A solução, talvez, seja eu desistir — da vida digital ou da vergonha. Voltar a usar mimeógrafo ou assumir o papel de sem noção. Enquanto não decido, vou tocando a vida, seja como uma boneca-monstra-de-cupcake ou uma desmaiada fatia de pão.

Aqui é a Josefa, a que passa pedindo

Estava na cozinha da casa da minha mãe, conversando enquanto ela preparava um biscoitão de polvilho. Tocou o interfone. Fui atender.

— Pronto?

— Aqui é a Josefa, a que passa pedindo.

— Ah, tá, só um minutinho.

Voltei para a cozinha. Minha mãe separou algumas coisas em uma sacola de supermercado. Um pacote de macarrão, um óleo, um extrato de tomate, arroz e meio quilo de canjiquinha, que rende bastante. “Ela tem muito neto, pelo menos isso aqui dá uma janta para todo mundo”, disse, explicando que há alguns dias havia pensado na Josefa, perguntado para si mesma o que teria acontecido com ela. Presença regular no portão, não aparecia há meses. Andou doente.

Josefa é uma senhora cujo aspecto revela uma idade indefinida. Talvez muitos anos, pelo rosto enrugado, a pele manchada, os passos lentos, a postura cansada, o olhar perdido. Talvez poucos anos, desgastados sob o rosto enrugado, a pele manchada, os passos lentos, a postura cansada, o olhar perdido. A luta pode fortalecer o espírito, mas castiga o corpo.

Josefa não vive de esmola. Ela tem seu trabalho. É a que passa pedindo. Assim como aquele é médico, jornalista, vendedor, atendente, frentista, professor. Ela gasta horas e mais horas do seu dia andando pela cidade, batendo portões e palmas, tocando campainhas e interfones. Com a voz para dentro, quase como se não fosse capaz de sair, ela repete: “Aqui é a Josefa, a que passa pedindo”.

Algumas vezes ela obtém sucesso. Volta para a casa com a sacola cheia ou, ao menos, com um pacote de algo capaz de alimentar ou servir. Outras, a andança termina em nada. Há quem atenda ao chamado e, mesmo não encontrando o que oferecer, diga: “hoje eu não tenho, desculpe”. Há quem desligue o interfone sem responder. Há os que se escondem, apavorados. “Deus me livre, mais uma”. Não sem razão, são muitas as Josefas por aí. Há ainda os que xingam de volta e aproveitam para o sermão: “Vá arrumar um trabalho”.

Mas Josefa já trabalha. Na falta de estudo, qualificação e um mínimo de instrução, ela faz o que lhe parece possível. Não fica em casa esperando a comida cair do céu. Aprendeu cedo que não cai. É preciso ir atrás. E ela vai. Ela anda e pede. Anda e pede. Não é um trabalho fácil. Desgasta o corpo. Sobrecarrega a alma. E, se não cercar muito, arrasta a dignidade. Até que, de tanto arrastar, talvez não sobre uns poucos grãos no fundo de um pacote doado por alguém disposto a atendê-la. Enquanto tiver saúde, ela continuará a sair de casa, marcar o ponto nos portões e anunciar as credenciais que a habilitam para quem possa ouvir. “Aqui é a Josefa, a que passa pedindo”. Quem sabe consegue alguma coisa. O dia sempre pode ser bom.

As melhores recordações

É fim de tarde. Dois canarinhos entram e saem da cabaça no telhado da varanda. Verificam se é o local mais adequado. Vão, voltam. Numa busca curiosa entre voos e cantorias. Espero que a visita seja positiva, que as instalações atendam aos requisitos necessários e montem ali o seu ninho. No gramado verde vivo, as crianças brincam. Uma batalha de ninjas, bolas de fogo, raios e poder de vento, travada entre correria, gargalhadas e algum choro pelo tropeço no cachorro que, definitivamente, não compreende o seu papel pré-determinado na brincadeira. Fecho o livro que tenho nas mãos. Quero aproveitar o momento, observar, absorver.

Há pouco tempo, ao rever a minha vida para escrever umas memórias para deixar aos meus filhos, me surpreendi ao perceber que as minhas recordações mais felizes eram de pequenos acontecimentos do dia a dia. Detalhes tão corriqueiros que jamais entrariam em qualquer ranking de qualquer natureza, dos tantos que temos por aí. As recordações que me traziam ao lugar feliz, me faziam reviver o sentimento pleno de bem-estar eram tão vazias de grandiosidade e tão cheias de simplicidade que eu me senti idiota por não ter percebido antes.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

CONTATO
maria@maroloproducoes.com.br
maroloproducoes.com.br

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2023.
